

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
20 e 24 de Abril de 2023
O CINEMA DA ESTÓNIA – UM NINHO AO VENTO

TUULTE PESA / 1979 “Um Ninho ao Vento”

Um filme de Olav Neuland

Argumento: Isaak Fridberg e Grigori Kanovicus / *Diretor de fotografia (35 mm, cor):* Arvo Iho / *Cenários:* Helkki Halla e Halja Klaar / *Figurinos:* Helva Halla / *Música:* Lepo Summera / *Montagem:* Eha Meier, Eevi Säade / *Som:* Enn Säde / *Interpretação:* Evald Aavik (*o forasteiro*), Rudolf Allabert (*Jüri Piir*), Nelli Taar (*Rosi Piir*), Arvo Iho (*Juhan Piir*), Anne Maasik (*Lisa Piir*), Indrek Korb (*Margus Piir*) e outros.

Produção: Kullo Must e Tõnis Vunder para Tallinfilm / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original legendada em inglês com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 94 minutos / *Estreia mundial:* 17 de Setembro de 1979 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Durante a existência da União Soviética havia estúdios de cinema em todas as repúblicas, com produções verdadeiramente “nacionais”, na língua falada em cada um daqueles territórios tão diferentes. Mas o esquema de funcionamento era basicamente o mesmo em todos os estúdios: cada membro da equipa tinha uma formação específica (argumento, realização, etc.) feita numa escola de cinema, o que excluía qualquer “amadorismo” (as novas vagas dos anos 60, exceto nos países “do Leste”, contestaram o sistema em vigor com técnicas mais “amadoras” do que de vanguarda); todos eram funcionários assalariados; os argumentistas eram mais bem pagos do que os realizadores e tinham de comprometer-se por escrito a fazer pelo menos três versões do argumento, antes do primeiro centímetro de película ser rodado; as salas de cinema eram divididas em categorias e uma boa maneira de sufocar silenciosamente um filme, sem proibi-lo, era pô-lo numa sala de categoria baixa, de preferência em poucas sessões e em horários impraticáveis para a maioria dos espectadores. Nada disso impediu que tenha sido feito excelente cinema nas diversas partes da URSS nos anos 60 e 70, com o surgimento de novas gerações e muitos talentos. Fora da URSS, as cinematografias nacionais soviéticas não russas a terem alcançado maior difusão foram as de algumas repúblicas do Cáucaso, sobretudo a Geórgia, com nomes como Otar Iosseliani e Sergei Paradjanov, este último arménio mas instalado na Geórgia, cujos filmes foram proibidos mas autorizados para a exportação, pois não é boa política recusar divisas fortes. O cinema dos países bálticos teve pouca difusão além-fronteiras, uma situação que não mudou depois da queda da União Soviética em 1991 e da recuperação da independência pelas diversas repúblicas.

Olev Neuman (1947-2005) estudou música em Tallin e a seguir cinema em Moscovo, onde foi aluno de Gleb Panfilov e Andrei Tarkowski. Depois de dois telefilmes, em 1972 e 1975, estreou-se na realização com o filme que vamos ver (que teve distribuição comercial em França e nos Estados Unidos) e é considerado um marco do cinema estónio, seguido por mais três longas-metragens. O seu último trabalho foi uma série televisiva em 1989. Como se vê, Neuman não continuou (não pôde continuar?) a filmar depois da Estónia recuperar a sua independência, embora ainda tenha vivido por mais catorze anos.

Do ponto de vista político, **Tuulte Pesa** (exportado com o seu título traduzido em russo, **Gniezdo na vetru**, o que deve significar alguma coisa...), aborda um tema delicado em tempos anteriores a Mikhail Gorbachev, pois mostra a resistência aos comunistas como uma aspiração ao reconhecimento da identidade nacional estónia. O filme tem, por conseguinte, um subtexto inegavelmente separatista. “*Calámo-nos durante quarenta anos, agora queremos refletir sobre a nossa história e contá-la aos nossos filhos*”, declarou

o realizador. Situado em 1945, aparentemente logo a seguir ao fim da “grande guerra patriótica” (Maio daquele ano), vulgo Segunda Guerra Mundial, peixe que o cinema soviético fez render ao máximo (e, queira-se ou não, este é um filme *soviético* de expressão estónia), o filme aborda o confronto ocorrido naquele ano entre o poder central soviético e os separatistas estónios, ditos *irmãos da floresta*. A independência de Estónia (1919-40) ainda era bem próxima e tinha sido uma experiência bem mais longa do que o jugo soviético, que foi resultado de uma agressão militar. Lembremos que a anexação dos três países bálticos foi consequência do pacto germano-soviético de 1939, fruto da momentânea convergência de interesses entre Adolf Hitler e Josef Estaline. Para evocar esta situação, Neuman mostra um camponês e a sua família, que depois de terem sofrido a invasão alemã e os seus horrores são objeto de extorsão tanto de parte dos nacionalistas estónios quando do poder soviético, também exercido por estónios: trata-se, por conseguinte, de uma luta fratricida.

Como objeto cinematográfico, **Tuulte Pesa** é típico do cinema soviético de qualidade, seja este russo, báltico ou do Cáucaso. Desde os tempos do mudo que o cinema soviético é formalista (é claro que as formas privilegiadas variavam com o tempo e este é um filme extremamente pensado e muito vem executado a todos os níveis - argumento, imagem, atores, montagem, uso da música), um filme sem frestas ou fendas, que se dirige à inteligência do espectador, sem tentar submergi-lo pela emoção. O argumento é extremamente bem construído, expondo aos poucos a situação no interior da família e sobretudo na relação desta com os dois lados inimigos que a extorquem. Vemos alternadamente o camponês às voltas com um lado e com o outro, antes da visita noturna dos *irmãos da floresta* cuja consequência, na manhã seguinte, é o embate mortal em que os nacionalistas são liquidados e o camponês morre, atingido por uma bala perdida, o que é significativo da situação em que se encontra. Numa inteligente ideia narrativa, não há um *crescendo* nos abusos que sofre a família de camponeses, antes da explosão final, tem-se a impressão de uma situação instalada e repetitiva, que só explode devido a um acaso (a visita comissário comunista à casa do camponês precisamente no momento em que os outros estão lá). A presença do misterioso homem mudo não se reveste de nenhum sentido simbólico - ele não é louco, nem santo - e ele até certo ponto integra-se àquela família (por isso é estranho que os argumentistas tenham tido a tosca ideia de fazer com que a filha do camponês receba a notícia da morte do seu marido quando é surpreendida na cama com o forasteiro). E, a bem da verdade, um espectador experiente acaba por perceber que aquele mudo não vai tardar a falar (terá sido esta ideia extraída de um célebre filme americano de 1943?), o que ocorre, num belo efeito narrativo, quando ele apaga uma vela e diz “*não*”, antes de contar a sua história. É ele, o único não estónio, que terá uma ação decisiva na defesa da família e na derrota do grupo de *partisans*. O efeito de surpresa quando o desertor da Wehrmacht empunha uma arma e entra em ação é fulminante. Outra inteligente ideia dos argumentistas é fazer com que o embate final e mortal se passe em boa parte fora de campo: a câmara permanece dentro da casa e ouvimos o tiroteio, como se o realizador não quisesse mostrar uma luta fratricida. A última imagem, com a mulher e o estendal mostra-nos que depois de tanta violência, a vida continua. Do ponto de vista visual, aproximadamente durante a primeira metade do filme, antes da chegada do inverno, Olev Neuland opta por tonalidades pálidas, acinzentadas e há inclusive um trecho em que a imagem tem uma tonalidade uniformemente sépia. Na segunda metade, o efeito visual da neve traz uma luminosidade fria aos acontecimentos. Todo este esmero formal não resvala nunca para a preciosidade, todos os aspectos do filme são perfeitamente concatenados e o equilíbrio formal e narrativo é absoluto. **Tuulte Pesa** é um objeto cinematográfico de alta qualidade, um marco no cinema da Estónia e um excelente exemplo do que se fazia de melhor na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas nos anos 70.

Antonio Rodrigues